

PARA UMA DEFINIÇÃO DE EXOPOLÍTICA

FRANCISCO MOURÃO CORREA¹

Exopolítica, termo desconhecido para a maioria das pessoas, a não ser para os interessados no tema da ovniologia ou aqueles que tenham visto alguns dos programas do Canal História. Mas mesmo esses, terão algumas dúvidas sobre o seu real significado.

Começemos por uma visão histórica:

Alfred Lambremont Webre, advogado internacional, autor, futurista, foi quem utilizou este “neologismo” pela primeira vez, ao referir-se às políticas, regras e leis de uma possível comunicação interestelar, quando elaborou um estudo sobre essa matéria para a administração de Jimmy Carter. O então Presidente dos EUA tinha observado um objecto/fenómeno aéreo não identificado que o tinha deixado fascinado. Confiante de que poderia utilizar o seu poder para descobrir a origem do fenómeno, comprometeu-se publicamente a fazê-lo.

Webre foi um dos convidados que deu a cara na conferência de imprensa que decorreu em Maio de 2001, no National Press Club em Washington, no qual também participaram vários ex-militares, e colaboradores de agências governamentais, que solicitaram imunidade perante o congresso americano para poderem depor sobre o que tinham presenciado/testemunhado.

Depois deste evento, e sem que até ao momento tenha sido possível entender a causa, Alfred Weber passou a ter uma postura de defesa de argumentos e ideias sensacionalistas (como é o caso do auto-intitulado viajante no tempo e turista de marte, Andrew Basiago), o que levou a que a grande maioria dos grupos de exopolítica se tivesse afastado.

Paola Harris, jornalista e historiadora italo-americana, autora de diversos livros, esteve no Porto em 2011, no Congresso Europeu de Exopolítica que decorreu na Universidade Fernando Pessoa, com o apoio do CTEC, trabalhou directamente com J. Allen Hynek no *Center for UFO Studies*, cedo se interessou pela área da exopolítica, sendo actualmente um dos membros da direcção do Instituto de Exopolítica.

¹ Director da Exopolítica Portugal

Stephen Bassett, activista e reconhecido lobbyista no congresso americano, tem-se dedicado desde os anos 90 do sec XX, a pressionar o congresso para que decorra uma discussão pública sobre aquilo que ele designa como “a presença extraterrestre”, e à desclassificação de documentos que abordem este tema.

Em 2013, Steve realizou, com o apoio de um mecenas canadiano, uma audiência civil perante ex-membros do congresso americano e senadores, tendo convidado diversos investigadores internacionais para que apresentassem o seu testemunho e alguns dos casos ovni mais importantes a nível mundial. Igualmente com o apoio do CTEC, deu uma palestra no salão nobre da UFP, em Outubro de 2014.

Michael Salla, é o Presidente do Instituto de Exopolítica, que tem sede nos EUA. Com uma tese de Doutoramento em Resolução de Conflitos, liderou a equipa da ONU, que nos anos noventa mediou o conflito Timor-Leste/Indonésia/Portugal. E foi nos meandros da diplomacia internacional que foi tendo acesso a alguma informação privilegiada, levantando a sua curiosidade e motivando a criação do Instituto.

Foi também um dos mais severos críticos da postura sensacionalista de Alfred Webre, tendo-o expulso do Instituto em 2008.

Alfred Webre, por exemplo, optou por “prestar atenção” às políticas que os extraterrestres possam ter para com a Terra, enquanto Michael Salla interessa-se (ou interessava-se) no modo como nós, humanos, lidamos com essa possível presença extraterrestre.

Ora se já é difícil estudar essa possível presença (visita) extraterrestre, por toda a carga negativa e de desconfiança que existe, parece-nos que especular sobre “diplomacia galáctica” não será o ideal para credibilizar o movimento exopolítico.

Sete anos depois, assistimos com alguma perplexidade a um sensacionalismo igual ou pior, por parte de Salla. Os grupos de exopolítica europeus estão obviamente preocupados e, no caso dinamarquês, preferiram mesmo desvincular-se oficialmente do Instituto.

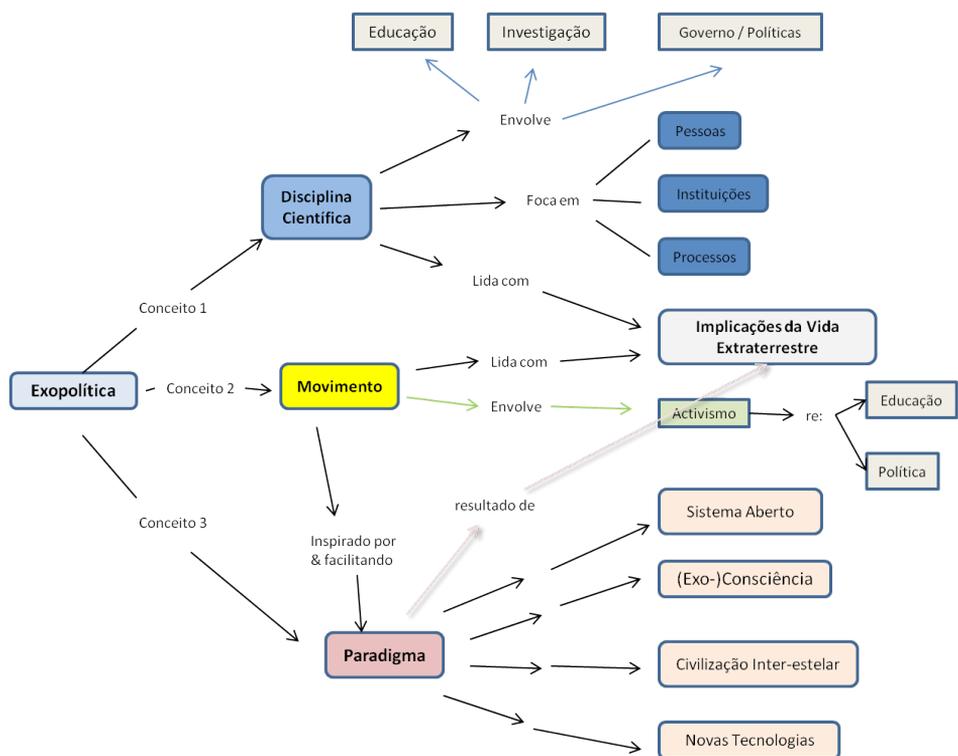
Mas pondo de lado os episódios mais novelísticos, o certo é que a maioria das pessoas ainda desconhece o significado de Exopolítica.

Em finais de Setembro de 2009, no final do Congresso de Exopolítica que decorreu em Barcelona, os autores, activistas e investigadores que participaram, concordaram que fossem promovidas/comunicadas dois tipos de definições: uma formal e uma informal.

A definição formal diz o seguinte: *Exopolítica é uma área científica interdisciplinar, com raízes nas ciências políticas, que se foca na investigação, educação e acções políticas com respeito*

aos actores, instituições e processos, associados com a vida extraterrestre, bem como o conjunto de implicações na sociedade em geral e nos novos paradigmas emergentes.

A definição informal descreve a exopolítica como a convergência de uma nova ciência interdisciplinar, com um movimento político internacional e com um novo paradigma, em que os três lidam com as múltiplas implicações da vida extraterrestre.



Convém pois esclarecer que o ponto de partida para uma análise exopolítica, implica a presença de extraterrestres, o que, obviamente, para além dos entusiastas do tema, não é de todo aceite pela sociedade ou comunidade científica. É aqui que Michael Salla (restantes activistas e muitos dos investigadores do fenómeno ovni) contrapõe, falando de uma extensa lista de evidências, tanto da presença/visita extraterrestre, como do sofisticado encobrimento dessas evidências.

Não deixa pois de ser algo surpreendente que a Exopolítica só tenha surgido “agora”, quando seria espectável que tivesse surgido nos anos 40/50, quando os órgãos de comunicação começaram a prestar atenção ao fenómeno ovni.

Uma abordagem exopolítica vai para além de questionar a credibilidade das evidências que suportam a realidade da vida extraterrestre. A Exopolítica, em particular, questiona os processos políticos que minam a credibilidade das evidências, ou seja, não se baseia em descobrir as provas da presença extraterrestre, mas questiona o porquê da “prova” não ser mais falada, discutida, interpretada, para que a sociedade em geral possa familiarizar-se com as tais evidências. Defendendo assim a ideia de que a “presença extraterrestre” é também um problema político que tem sido gerido de forma dissimulada, e não apenas uma questão técnica/científica que requer um estudo mais exaustivo para alcançar a prova irrefutável.

Como Michael Salla refere, o mais previsível aconteceu quando o fenómeno OVNI passou para o debate público. O desenvolvimento do Projecto Sign (1948), Projecto Grudge (1949-51) e finalmente o Projecto Blue Book (1951-69) foram sempre seguidos por astrónomos, físicos, etc., que desenvolveram linhas de estudo científicas para o estudo empírico do fenómeno ovni. O que é perfeitamente normal, uma vez que havia uma importante necessidade de estudar as características físicas dos ovni.

Mas a análise exopolítica nunca se desenvolveu, pois nunca foi permitido. Tal como foi demonstrado com o Projecto Sign e com o relatório do Capitão Edward Ruppelt, os militares sabiam que os ovni eram reais, mas cedo decidiram encobrir a situação. Autores como o Major Donal Keyhoe, que começaram a falar do encobrimento, foram rapidamente rotulados de teóricos da conspiração, lunáticos, etc., e assim se iniciou a descredibilização dos que se focavam nos aspectos políticos da vida extraterrestre. Aliás, é possível ler nalguns dos relatórios da época (nos EUA), recomendações para desacreditar os avistamentos de ovnis uma vez que o impacto que os mesmos poderiam ter na opinião pública, poderia ser aproveitado e manipulado por potências estrangeiras.

Essencialmente, a exopolítica teve início com as primeiras “teorias da conspiração” de investigadores como Donald Keyhoe, entre outros, que tentaram demonstrar à sociedade que os ovni eram reais e que estavam a ser encobertos. Keyhoe é, sem dúvida, uma figura importante no surgimento da exopolítica, uma vez que apesar de nunca ter utilizado termo, estava focado naquilo que Stanton Friedman cunhou como “*Cosmic Watergate*”.

Ao pretender ser uma disciplina científica, a Exopolítica teve de encontrar uma metodologia. Muitas das evidências disponíveis, não são quantificáveis ou medíveis, o que é um pré-requisito para as ciências naturais. No entanto, as ciências políticas utilizam uma abordagem diferente no que toca às evidências, analisando a **qualidade** das mesmas.

Por exemplo, a ovniologia, tradicionalmente faz uso da metodologia das ciências naturais, com enfoque em evidências físicas e quantificáveis. No entanto, de uma perspectiva exopolítica, tal abordagem pode deixar de fora várias outras evidências.

Por exemplo, quando lidamos com diferentes tipos de testemunho, tal requiere uma metodologia diferente que avalie as evidências. Temos de ter em conta a idoneidade e seriedade da testemunha e tentar validar o conteúdo do seu discurso.

As ciências naturais privilegiam metodologias quantitativas, baseadas na observação empírica, enquanto as ciências sociais privilegiam métodos qualitativos, baseados em diversas “ferramentas” como análise de texto, investigação jornalística, etc..

A vantagem deste método qualitativo é que permite considerar um maior número de evidências, com muito mais informação. E é neste ponto que Stephen Bassett chama a atenção: existem centenas de casos ovni, com muitas evidências físicas, amplamente analisadas por investigadores competentes, sem que no entanto tenha havido qualquer alteração na forma como se encara o fenómeno. Para Bassett, já chega de amontoar evidências. É preciso encarar o problema político do fenómeno.

Tal e qual como as agências de informação, que recolhem e avaliam as informações, tendo em conta a credibilidade da fonte e o conteúdo. Na maioria dos casos não existem dados físicos ou quantificáveis. Se os agentes dependessem de provas verificáveis e quantificáveis, seriam poucos os atentados terroristas que conseguiam ser evitados, pois é difícil ter-se 100% de certeza.

Isto não quer dizer que as evidências quantificáveis sejam ignoradas numa abordagem qualitativa. Muito pelo contrário. Mas é apenas mais um conjunto de dados, entre outros.

No que toca ao movimento exopolítico, podemos verificar que os grupos europeus são bastante unidos e trocam informação com regularidade. Em especial os dos seguintes países: Alemanha, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Inglaterra, Itália, República Checa e Reino Unido.

Em todos estes países, as realidades são muito diferentes no que toca ao fenómeno ovni e ao activismo exopolítico. Tal será abordado em futuros artigos, se se proporcionar.